

O HUMOR NO AMBIENTE ESCOLAR: A inserção do cartum, da charge e caricatura no processo de ensino das artes visuais

Aerlon Charles Araújo e Silva

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-3589-7309>

E-mail: aerlon.charles@ifpi.edu.br

Resumo

O presente artigo apresenta resultado do processo de criação artística desenvolvido e realizado em sala de aula sobre leitura, produção e contextualização de cartuns, charges e caricaturas nas aulas de artes visuais com estudantes do 1º ano do curso de Administração do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Piauí, campus Pedro II. Propusemo-nos a investigar sobre o ensino da arte no Brasil e seu percurso histórico. Observamos como se deu o processo de ensino/aprendizagem na pesquisa in loco após a realização das produções artísticas dos alunos com o desenho de humor gráfico. A pesquisa foi aplicada de maneira qualitativa participante, com metodologia baseada na pesquisa-ação de natureza artístico/pedagógica, identificando as facilidades e dificuldades encontradas no processo de ensino em artes e aspectos acerca da utilização da Abordagem Triangular. Concluímos com as produções artísticas dos discentes resultantes da ação da oficina do Projeto Humor na Escola.

Palavras-chave: Abordagem Triangular; Arte/educação; Desenho de Humor.

Abstract

This article presents the results of the artistic creation process developed and carried out in the classroom on reading, production and contextualization of cartoons, cartoons and caricatures in visual arts classes with students in the 1st year of the Administration course at the Federal Institute of Education Science and Piauí Technology, Pedro II campus. We set out to investigate art teaching in Brazil and its historical trajectory. We observed how the teaching/learning process took place in on-site research after carrying out the students' artistic productions with graphic humor drawings. The research was applied in a qualitative, participatory manner, with a methodology based on action research of an artistic/pedagogical nature, identifying the facilities and difficulties found in the arts teaching process and aspects regarding the use of the Triangular Approach. We conclude with the students' artistic productions resulting from the Humor at School Project workshop.

Keywords: Triangular Approach; Art/education; Humor Drawing.

1 INTRODUÇÃO

“Tudo o que é real já foi um sonho.”

Albert Piauhy.

O desenho de humor gráfico é por sua natureza, não apenas visualmente rico em significados semióticos e distintos, mais precisamente, ao fato de suas silhuetas determinarem a função crítica dentro da sociedade em que este está inserida, como afirma Luyten (2002, p.15), “nos proporcionando elementos para vislumbrar como é oportuna a ideia de incluir o riso, a sátira, e a crítica costumeira do dia a dia”: “utilizando o desenho embasado em uma proposta educacional sobre criação, sobre sua história e o contexto em que este desenho pertence”.

Mesmo antes de integrarmos o quadro docente de professores efetivos do IFPI, quando lecionávamos em outras escolas da rede pública estadual em Teresina, acreditávamos constantemente numa forma de introduzirmos a caricatura no meio das aulas; pensávamos em fazer trabalhos sobre o poder de “ridicularizar” os costumes sociais através do cartum e para complementar toda essa simbologia visual, nos utilizaríamos do poder crítico da charge para colocarmos os agentes políticos em seus “devidos lugares” através do escárnio, que é próprio do desenho de humor gráfico.

No entanto, havia o obstáculo natural do planejamento e da ementa escolar que barrava a execução desse tipo de aula. Não existia nos planos de aulas nada parecido com a temática do desenho de humor gráfico, (pelo menos, nas escolas em que lecionávamos) devido à obrigatoriedade de seguirmos rigorosamente os planos pedagógicos tradicionais. Então, dois anos após tomarmos posse como docente concursado, tivemos a oportunidade do contato presencial com a doutora e pesquisadora Ana Mae Barbosa em um evento nacional de arte-educadores em que ela seria a principal palestrante e receberia homenagens pela sua notória contribuição à pesquisa e ao ensino da arte no Brasil ao longo de todos esses anos. Era novembro de 2013, no estado de Pernambuco, quando da nossa participação nas comunicações sobre a importância de inserir o “humor na escola” através do desenho de humor gráfico. Comunicação apresentada, no XXIII Congresso Nacional da Federação dos Arte/Educadores do Brasil – ¹XXIII CONFAEB.

Aquele foi o passo inicial para amadurecermos o pensamento na formulação do seguinte problema: Qual a melhor maneira de inserir o desenho de humor gráfico no ambiente da sala

¹ XXIII Congresso Nacional da Federação dos Arte/Educadores do Brasil – XXIII CONFAEB. Realizado na cidade de Porto de Galinhas - PE, de 03 a 06 de novembro de 2013.

de aula no ensino das artes visuais? Certamente disciplinas como Geografia, História e Língua Portuguesa, já exploram há muito tempo o recurso visual do desenho; porém, utilizando-se das tirinhas.

Obviamente, era um grande desafio a ser enfrentado principalmente se tal maneira estivesse aliada a uma proposta educacional em que os alunos não estivessem acostumados, porque sem dúvida, era o caso específico da temática da pesquisa aqui apresentada: desenho de humor gráfico aliado à proposta da Abordagem Triangular, de Barbosa (2010). Essa aliança visual era conteúdo totalmente novo e desconhecido para a maioria dos meus alunos, conforme verificamos ao longo do levantamento do referencial bibliográfico. É muito importante frisar que tal pesquisa sobre o signo e o significado visual do desenho de humor, - no qual pode ser facilmente confundido com ilustração ou tirinhas de jornal - pretendeu explorar exemplos imagéticos em suas nuances mais evidentes para que essas dúvidas sobre o núcleo visual, crítico e irônico do desenho de humor desaparecessem com o fato de conhecê-lo.

Sobre essa percepção, Peirce, (2000) afirma que no meio dessa linguagem ícone, repleta de signo e que por vezes, substitui algo para alguém, em certa medida e para certos efeitos, define-se como “qualquer coisa que conduz para alguma outra coisa”. Tais observações pertinentes a respeito do desenho de humor gráfico, que neste presente estudo, não deve ser considerado gênero textual, mas sim uma linguagem artística, são a base para desenvolvimento e aplicação da pesquisa em sala de aula, assim como o emprego da Abordagem Triangular pode melhorar significativamente os resultados do trabalho do professor de arte e sua importância se aliada aos modelos satíricos da caricatura, da charge e do cartum.

Refletindo o pensamento sobre o tema e como a inserção de determinada linguagem poderá impactar na dinâmica das aulas de artes visuais dentro do IFPI campus Pedro II, formulamos mais questionamentos a respeito de como a presente pesquisa buscou responder algumas indagações, e as principais delas: como se deu o processo de obtenção dos elementos críticos no ensino do cartum, da charge e da caricatura dentro da sala de aula no Instituto Federal do Piauí – Campus Pedro II?

Quais os conhecimentos sobre desenho de humor gráfico que os alunos possuíam? Como relacionaram o desenho de humor com a proposta da Abordagem Triangular da educadora brasileira Ana Mae Barbosa? A intenção foi provocar a reflexão sobre o quanto o incentivo ao aprendizado da linguagem cômica do cartum da charge e da caricatura, possibilitou e fomentou a prática desenhista e o desenvolvimento do senso crítico dos alunos. É importante identificarmos se, e como esses estudantes souberam diferenciar as três principais categorias de

desenho de humor gráfico que lhes foram apresentadas ao longo da intervenção *in loco*. Durante a realização da pesquisa realizamos levantamento bibliográfico sobre os significados dessa linguagem cômica, crítica e lúdica do cartum, da charge e da caricatura, suas aplicações no cotidiano, nos livros, jornais e - bem menos em ambientes escolares; - embora esse detalhe não nos tenha parecido surpreendente, devido ao fato de que a presente pesquisa sobre tal ícone artístico e não verbal, em conjunto com a Abordagem Triangular, se mantenha ainda inédita até agora. Analisamos aspectos da proposta de ensino de Ana Mae Barbosa, bem como suas modificações ao longo dos vinte anos de sua criação e implementação ao redor do Brasil, onde buscamos alguns trabalhos relacionados dentro de uma base bibliográfica, professores autores como: Sousa (2022), Barbosa (2010), Bredariolli (2009), e Cunha (2010), além de depoimentos alinhados ao pensamento influenciado por Paulo Freire aos pensamentos de Barbosa (2019).

O desaparecimento em relação aos salões de humor pelo Brasil e fora dele e consequentemente, o desconhecimento da linguagem do humor gráfico dentro da escola, resulta em uma não aplicação, não interação e promove a falta de contextualização dos estudantes com a arte do seu tempo. Foi observando essa letargia e a necessidade de tentar popularizar mais ainda o desenho de humor gráfico buscando retirá-lo das frias paredes das galerias elitizadas das casas de cultura, salões e espaços alugados de *shopping centers* espalhados pelo Brasil, que decidimos realizar tal empreitada. Primeiramente, pensamos em colocá-lo, como aponta Lima (2019), dentro da escola, - ambiente mais que propício - para isso e nos utilizando da proposta acadêmica, desenvolvemos junto a uma turma de 1º ano do Ensino Médio integrado ao curso técnico de administração do IFPI - Instituto Federal de Educação do Piauí, no município de Pedro II, localizado cerca de 206 quilômetros da capital, experiências visuais significativas a partir do estímulo à imaginação, à fruição, no estudo contextual e na produção do desenho de humor gráfico.

A pesquisa, também em seu *corpus* trouxe um breve histórico dos eventos culturais de salões de humor pelo país e especificamente, o Salão Internacional de Humor do Piauí, que se fez presente no calendário cultural piauiense até meados de 2013. O estudo mostrou os resultados obtidos por meio de questionários direcionados e aplicados com os alunos participantes e observação de como as atividades práticas realizadas durante o projeto despertaram a curiosidade acerca da linguagem de humor gráfico que poderá ser direcionada ao seu dia-a-dia, sendo perceptível o despertar da consciência crítica artística e independente.

A partir da pesquisa, entendemos os processos de ensino e aprendizagem das artes visuais, ligados particularmente aos desenhos de humor gráfico, com seus recursos lúdicos e de natureza crítica/cômica para o aprimoramento de técnicas de produção, leitura e contextualização na história da arte e da educação.

Além do exposto, é importante afirmarmos nossa prática no universo do desenho de humor há anos e está diretamente relacionada aos desenhos e às aulas de arte ministradas nas escolas pelas quais lecionamos. Isto já justificaria a proposição de um projeto de pesquisa sobre a temática da inserção do desenho de humor gráfico em sala de aula dentro do Instituto Federal do Piauí. O início foi como cartunista, participando do Salão de Humor do Piauí em 1995, e logo, aos poucos, escalando participações em vários salões de humor pelo Brasil.

Em nossa experiência como professor e pesquisador adquirida em sala de aula em todos esses anos, percebemos a oportunidade de adaptação do desenho de humor gráfico no ensino das artes visuais à proposta de ensino de Ana Mae Barbosa e buscando pelo impacto visual nas aulas de arte, resolvemos desenvolver o presente estudo aqui proposto e justificado acima, que foi pensado a partir de nossa experiência como professor de artes, desenhista/cartunista atuante em eventos culturais aliado ao trabalho de conclusão de curso elaborado para a Monografia da Especialização em Docência do Ensino Superior, concluída em 2009 na Universidade Gama Filho, no Rio de Janeiro, (UGF) sobre a linguagem do desenho de humor gráfico: “Cartum e Charge: Desenho de Humor Como Nova Ferramenta Para o Trabalho Nas IES.”

A estrutura do artigo e o resultado da pesquisa se insere na linha de pesquisa Abordagens Teórico-Metodológicas das práticas docentes do Programa de Pós- Graduação em Artes (PROF-ARTES). Assim, afirmamos a importância cultural na inserção objetiva dessa linguagem visual, inclusive na escola secundária: ambiente mais que propício para o bom desenvolvimento de ideias críticas onde o discente ainda está em constante processo de formação emocional e intelectual.

Como Objetivo Geral, pretendemos analisar e registrar o processo de criação em arte/educação buscando compreender o processo de aquisição do conhecimento acerca das categorias de humor gráfico e o despertar da consciência artística crítica e independente dos alunos (as) do 1º ano de administração do Instituto Federal de Educação do Piauí campus Pedro II. Nesse processo de desenvolvimento da pesquisa apresentamos os Objetivos Específicos dos quais destacamos: (1) Contextualizar as categorias de desenho de humor gráfico, e os principais salões do Brasil; (2) Investigar sobre o Ensino de Arte no Brasil e seu percurso histórico, apontando as principais dificuldades teóricas e práticas e breve relato da inclusão da

Abordagem Triangular na escola; (3) Observar como se deu o processo de ensino/aprendizagem na pesquisa *in loco* após a realização das produções artísticas dos alunos com o desenho de humor.

O estudo se estruturou na busca do desenvolvimento através do entendimento e das práticas dos cartuns, das charge e das caricaturas em sala de aula, em três dimensões da Abordagem Triangular: Contextualização (abordamos e analisamos a história do cartum, da charge, da caricatura e seu contexto social com os alunos); O fazer artístico (oficina de produção de desenho de humor com técnicas de desenho artístico, além da realização de exposição no final da pesquisa) e em todas as etapas, a leitura de imagens (análise crítica das produções pelos alunos sobre as questões sociais abordadas nessas modalidades de artes visuais).

Metodologicamente o processo de abordagem dos alunos se deu através da sondagem e entrega de questionário, além dos termos de autorização para alunos menores de idade e logo após autorização expressamente escrita, realizamos pesquisa de campo inserindo as modalidades que lhes foram propostas para a realização da oficina de desenho de humor. Foi utilizada a pesquisa qualitativa, que segundo Paschoarelli (2018, p. 68) consiste na “busca a obtenção de dados descritivos de pessoas, lugares e processos interativos que acontece através do contato direto do pesquisador com aquilo que está sendo estudado”, Tal metodologia baseada na pesquisa ação de observação participante, Lakatos (2017) e se propôs em analisar a linguagem cômica, social e crítica do desenho de humor gráfico dentro das três categorias. Coincidentemente, relacionada ao tripé do processo do fazer, da leitura e proposição de sentido e da contextualização, portanto, da utilização da Abordagem Triangular.

A pesquisa foi realizada com uma turma do ano 1º do curso técnico integrado ao Ensino Médio, de administração de empresas, totalizando 35 alunos do IFPI. Pretendemos, a partir das aulas sobre o desenho de humor gráfico inserido juntamente com a Abordagem Triangular de Barbosa, (2010) proporcionar mais conhecimento sobre as técnicas de arte para alunos e facilitar a práxis docente quando se tratar de ensino de artes visuais. Com base nos estudos sobre desenho de humor e suas aplicações poderemos chegar nas seguintes hipóteses: Os estudantes saberão diferenciar cartum e charge e suas aplicações no contexto social, despertando suas consciências artísticas críticas e independentes. O desenho de humor fará parte do cotidiano escolar a partir do conhecimento sobre o que se passa na política, sociedade e e análise dos discursos das autoridades no mundo. A comunidade acadêmica terá mais referências ao lidar com o estudo de desenho de humor na escola, seu modo de investigar a inserção de desenho e de modo mais enfático, a Abordagem Triangular especificamente.

Em resumo, além das respostas colhidas, será produzido material capaz de dar suporte a outros professores que se interessem em trabalhar com o desenho de humor para fins pedagógicos; realizaremos exposição semelhante ao modelo de salão de humor nas dependências do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI), concluindo com as produções artísticas dos discentes, resultantes da ação na oficina do Projeto Humor na Escola.

2 A CRÍTICA DOS COSTUMES E AS FACES DO RISO DESENHADO

Para começo de conversa sobre a arte “do traço engraçado,” estudaremos os conceitos e as aplicações das três principais categorias que estão contidas dentro do universo do desenho de humor gráfico: Cartum, Charge e Caricatura porque elas serão o foco da presente pesquisa aplicada dentro da sala de aula e também o instrumento primordial para a prática no uso da Abordagem Triangular. Assim, ao defendermos o termo desenho de humor gráfico, destacaremos categorias que sempre apresentarão em sua estrutura, duas temáticas inerentes: a cômica e a crítico-social. Esse é o “espírito” do desenho de humor que pode ser somado às técnicas e experiências didático-pedagógicas neste trabalho. O universo da linguagem das artes visuais engloba termos e técnicas que colaboram para entender sobre a construção de objetos artísticos que concretizam pensamentos e formas distintas de ver o mundo.

Dondis (1999) sobre essas visualidades, afirma que:

A marcante característica de apelo visual coloca esse recurso de linguagem como importante foco de interesse das pesquisas em comunicação. A expressão artística visual é fruto de uma complexa atividade humana ainda pouco conhecida e pouco compreendida. Não esqueçamos que a informação visual configura-se como o mais antigo registro da história humana: as pinturas das cavernas, conhecidas como *pinturas rupestres*. (DONDIS, p.7).

Muitas vezes, a arte é confundida como um *hobby* sofisticado pertencente a uma elite econômica privilegiada. Sobre a arte do humor gráfico, Riani reafirma seu crescimento no país:

Verificamos, desse modo, que o crescimento dessa arte no Brasil esteve diretamente relacionado à evolução da imprensa e à consequente popularização dos jornais e revistas, veículos até hoje fundamentais para a evolução de tal linguagem. Claramente, hoje em dia, há cenário mais diversificado para sua inserção, como a publicidade, as mídias eletrônicas, a internet e os próprios salões de humor. (RIANI, 2002, p. 39).

O elemento visual e a ideia da sátira são muito evidentes, sobretudo quando na percepção da crítica dos costumes, considerando-se que quanto maior a familiaridade sobre o assunto e com o que ele aborda, melhor será a compreensão das representações imagéticas

contidas na estrutura visual da produções artísticas.

2.1 Categorias do desenho: um ensaio sobre as manifestações do desenho de humor gráfico

A percepção da relação visual e popular mais próxima que nos faz levar em consideração, é o fato de entender que dentro do cenário do humor gráfico, a realidade se dá, principalmente pela forma como faz-se a crítica das mais diversas e vigentes numa sociedade. Essa construção de uma relação mais crítica sobre a visualidade da realidade e da identidade inerente ao *locus*, pode representar muito além das observações sociais e universais.

O desenho de humor gráfico engloba um universo de produções artísticas relacionadas à dinâmica da crítica social, econômica, artística e com veia cômica inata, neste estudo estruturamos suas categorias principais: a primeira e a mais “querida” dos cartunistas: o **Cartum**, desenho de humor atemporal que é universal sem temática específica; depois, temos a segunda, **a Charge**: desenho de humor temporal que articula uma crítica político-social com temática própria. Além da mais querida pelas crianças por seu rico apelo visual: **a Caricatura**: Desenho de humor atemporal onde se exagera as características da fisionomia e anatomia do homenageado.

2.1.1 O Cartum

A palavra *cartum*, de origem inglesa, foi absorvida pelos artistas brasileiros ligados aos salões de humor e usada de maneira diferente da sua escrita “original” na tentativa de transmitir um melhor entendimento para o público, neste sentido, o dicionário Houaiss (2001) o define como espécie de anedota gráfica que satiriza comportamentos humanos. Adaptado do Inglês *cartoon*, significa esboço ou modelo desenhado em cartão. desenho humorístico ou satírico veiculado em geral, em jornais e revistas”. Dessa maneira, o *cartum* torna-se atemporal e universal:

A palavra *cartum* foi “abrasileirada” pelo cartunista Ziraldo Alves Pinto. Antes, porém, era usada nos salões com o termo em inglês “*cartoon*”, que significava cartões de costumes, que mais tarde chegaram ao Brasil com diversas temáticas relacionadas principalmente a cartões séries-românticas encontrados em bancas de jornais nos anos de 1960 a 1980, que antes eram mais vendidos na Primavera de Londres. (RIANI *apud* Rabaça & Barbosa, 2002, p. 29).

Pinto (2002), aponta que o *cartum* veio antes da *charge*, porque caracteriza-se como uma piada desenhada que sempre faz referência aos costumes de forma mais abrangente, sem

se preocupar com o recorte temporal, ou seja, o período em que foi produzida e sendo entendida por qualquer pessoa sem a necessidade aprofundamento nas dinâmicas sociais, econômicas, culturais de uma determinada sociedade.

Figura 1 - Cartum



Tiago Hoisel Ferraz. 37º Salão Internacional de Humor de Piracicaba. Fonte: <https://salaointernacionaldehumor.com.br>, 2010.

No livro “Linguagem & Cartum: Tá Rindo do Quê?” Riani faz relatos cronológicos sobre a história dos Salões de Humor da cidade de Piracicaba. O cartunista e escritor, descreve brevemente também o que a humanidade entendeu como *humor*. Segundo afirma, no capítulo inicial:

Até mesmo a palavra *humor* tem uma origem curiosa e, talvez geradora de outros tantos conflitos conceituais. A antiga medicina romana considerava que o organismo humano era regido por quatro elementos líquidos: o sangue, a fleuma, a bile amarela e a bile negra. Esses líquidos que circulavam pelo corpo, eram chamados humores. (RIANI, 2002, p. 25).

O cartum, desenho de humor gráfico é frequentemente confundido com a charge, mesmo com suas características incontestáveis de universalidade e atemporalidade quando se trata de observação crítica dos costumes associados aos antigos e novos tempos. “É através das críticas dos cartunistas que podemos tirar alguns juízos de valores sobre assuntos caros às pessoas, representantes das minorias que possam, em algum momento sofrer preconceitos e atitudes injuriosas por meio de terceiros ou autoridades constituídas” (MIANI, 2011,P.3).

Além das características já elencadas, buscamos observar que boa parte dos desenhos elaborados por cartunistas, não traz textos ou legendas tipo balões. A constatação é que, como se trata de uma “piada desenhada”, o próprio desenho já mostra sua mensagem e informa ao receptor o recado que deseja transmitir. O desenho de humor gráfico vem manifestando-se em diversas escalas de comunicação dos leitores de periódicos com discursos imagéticos e da crítica social e cultural já há algum tempo. Santaella nos explica sobre a importância da imagem e como o aluno pode codificar as categorias não verbais que lhe são apresentadas:

Cumprir notar que a ilusória exclusividade da língua, como forma de linguagem e meio de comunicação privilegiados, é muito intensamente devida a um condicionamento histórico que nos levou à crença de que as únicas formas de conhecimento, de saber e de interpretação do mundo são aquelas veiculadas pela língua, na sua manifestação como linguagem verbal oral ou escrita. O saber analítico, que essa linguagem permite, conduziu à legitimação consensual e institucional de que esse é o saber de primeira ordem, em detrimento e relegando para uma segunda ordem todos os outros saberes, mais sensíveis, que as outras linguagens, as não-verbais, possibilitam. (SANTAELLA, 2003, p. 2).

Cagnin, afirma que ao analisarmos estes discursos, podemos perceber a importância deste tema para os meios de comunicação de massa sendo o desenho de humor gráfico apontado como “uma das primeiras atrações procuradas ao se abrir um jornal.” (CAGNIN, 2009, p. 59).

2.1.2 A Charge

Quando o cartum, recebe uma determinada carga política, neste momento ela se torna uma charge, assim, neste contexto percebemos a importância de identificar a carga política inserida nos desenhos de humor gráfico, Houaiss (2001), porque na charge vemos uma crítica às ideias, concepções e estruturas políticas que afetam o contexto social, desta forma para entender uma charge é necessário um conhecimento mais amplo do contexto histórico, social e econômico em que ela foi produzida. A charge, à primeira vista, parece conter maior grau de seriedade quando colocada em comparação ao cartum e que pode ser considerada em tese, sua antagonista, mas não é o caso; porém, apesar de tal diferença na escrita, as duas possuem significados semelhantes dentro do aspecto humorístico e da crítica dos costumes sociais e políticos.

A charge pode ser definida como uma representação humorística, caricatural dos modelos socioeconômicos e políticos dos brasileiros, já que pode ser também, de alguma forma interpretada diferencialmente por pequenos detalhes entre lugares pelo mundo, já que como

sabemos, ela é atemporal e não necessariamente universal. Rosa, nos aponta que a charge é uma:

(...) representação sobre tela ou papel, por meio de cores, de uma pessoa, de uma ação ou mais geralmente de um tema, na qual a verdade e a semelhança exatas são alteradas apenas pelo excesso de ridículo. A arte consiste em desmanchar o preconceito real ou de opinião já existente, e levá-lo, pela expressão, até um ponto de exagero no qual, entretanto, ainda se reconheça a coisa, e além do qual não reconheçamos mais; aí a charge é a mais forte possível. (ROSA, 2014, p.18-19).

Na figura 2, observamos uma charge que faz clara menção à violência e nos mostra a crítica social ao problema da insegurança, diariamente estampada nos jornais ao redor do mundo. A origem do termo charge, que vem do francês *charger*, ou seja, *carga*, se refere aos fatos conhecidos do dia a dia e dos noticiários diários que estampam as programações de rádio, tvs, sites e redes sociais. Quando o assunto também é noticiar e fazer escárnio das atitudes e desmandos das autoridades públicas eleitas ou não, a charge torna-se um recurso visual de grande impacto para a disseminação das informações de forma analítica e crítica, no entanto, ela é bastante democrática: faz jus em atacar todas as matizes políticas, sejam elas de esquerda, sejam elas de centro ou do espectro da direita.

A charge tem a “característica da crítica política mais imediata” Luyten (2002), ou crítica de um fato específico mais próximo do espectador e nas palavras do sociólogo Betinho é a charge que grita: O Rei Está Nu! O que se entende como crise, problemas de caráter, crimes cometidos contra os costumes ou até mesmo injustiças sofridas por um cidadão no Brasil, pode não ser considerado da mesma gravidade contra pessoas de outros países. Isto se explica devido aos costumes e pela cultura de determinado lugar.

Figura 2 – Charge



Jurij Kosobukin, 22º Salão de Humor de Piracicaba (1995). Fonte: RIANI, C. 2002 p. 30.

Acreditamos, assim, que mais do que essa percepção da sátira política, predomina-se a lógica moral imposta pela sociedade que não admite abusos de agentes públicos, sejam estes detentores de cargos eletivos, ou não. Essas normas, porém, são diferentes para diferentes povos e ambientes sociais distintos e em épocas distintas.

2.1.3. A Caricatura

Entre as categorias do “riso desenhado”, consideramos a caricatura como a que mais chama a atenção das pessoas em exposições de desenhos de humor. Essa categoria é especificamente popular entre os mais jovens e tem especialmente em sua execução, recursos visuais como foco na reprodução lúdica do homenageado usando de combinações entre a fisionomia e a personalidade do retratado.

As técnicas usadas para a busca da quase perfeição em retratar pessoas famosas, geralmente são espetaculares. Quando o caricaturista acerta no conjunto alma-personalidade e visualidade, é impossível ficar indiferente ao resultado que é muitas vezes, absurdamente surreal. Mas, destacamos a importância do sujeito do caricaturista como o artista que produz esta obra de arte com aspectos carregados de significados, Rosa aponta que:

A tarefa do caricaturista não é a mesma do artista clássico? Os dois vêem a verdade final por baixo da superfície da mera aparência exterior. Os dois tentam ajudar a natureza a realizar seu plano. Um pode lutar para visualizar a forma perfeita e executá-la em sua obra, o outro luta para alcançar a deformidade perfeita, e assim revelar a essência de uma personalidade. Uma boa caricatura, como toda obra de arte, é mais verdadeira à vida que a própria realidade (ROSA, 2014, p.13-14).

Um caso notório deste fato, é a famosa caricatura que homenageou o cantor Chico Buarque de Holanda proposta por Dálcio Machado premiada no 26º Salão Internacional de Humor de Piracicaba, retratada na figura 3. Podemos perceber características como os olhos, o nariz, o sulco nasogenianos e rugas periorais exageradas e “deformadas”, buscam trazer as características e a essência de sua personalidade para a produção artísticas. Pontuamos que algumas caricaturas tendem a funcionar melhor se o autor tiver talento para a arte de retratar seu objeto e em conformidade e que o receptor também tenha conhecimento sobre quem se retrata na caricatura. Luyten (2002), afirma também que na caricatura, da mesma maneira que na charge, se exige um conhecimento prévio por parte do receptor em relação ao retratado, caso contrário seu sentido fica extremamente enfraquecido.

Isto porque, a caricatura utiliza técnicas em busca de uma quase perfeição em “retratar pessoas famosas, geralmente são espetaculares. Quando o caricaturista acerta no conjunto alma-

personalidade e visualidade, é impossível ficar indiferente ao resultado que é muitas vezes, absurdamente surreal.” (LUYTEN, 2002, p.24).

Figura 3 – Caricatura Chico Buarque



Catálogo do 26º Salão de Humor de Piracicaba. Dálcio Machado. 1999.

3 A ABORDAGEM TRIANGULAR

A metodologia educacional sistematizada por Ana Mae Barbosa ², educadora contemporânea e ex-aluna de Paulo Freire; que desenvolveu características de ensinar por meio da arte, através de uma metodologia efetiva para melhor construção do estudo, da leitura crítica, do fazer e da apreciação de uma obra de arte. Ana Mae Barbosa muito contribuiu com a evolução do ensino das artes no Brasil através desse estudo, sua importância para o ensino das artes visuais, ancora-se em três pontos: ler, fazer e contextualizar, e propõe aproximação da experiência em arte, na qual o contexto do educando é tomado com relevância.

No trabalho docente em arte é comum que façamos nosso próprio planejamento, colocando nossas preferências e experimentações naquele recurso material ou simplesmente utilizamos técnicas adquiridas ao longo da experiência em sala de aula que por vezes, podem ser mais empíricas ou mais tecnicistas. Partimos do princípio de que a Abordagem Triangular

²Ana Mae Barbosa é professora titular aposentada da Universidade de São Paulo (USP), atuando no Doutorado em Ensino e Aprendizagem de Arte, que implantou na Escola de Comunicações e Artes, e nos Mestrados e Doutorados em Design, Arte e Tecnologia da Universidade Anhembi Morumbi.

já foi muito explorada para educação à distância, formação de professores, educação museal e uma dúzia de outras utilidades.

Em sua abordagem educacional, dentro do objeto da valorização da arte e do ensino, mais uma vez, Ana Mae confirma consistência em seus três pilares educacionais para se construir conhecimentos perenes em arte: Contextualização histórica (conhecer a sua contextualização histórica); fazer artístico (fazer arte); Apreciação artística (saber ler uma obra de arte). A percepção de Barbosa, é a mesma de Ferraz e Fuzzari (2019), quando afirmam: “A Abordagem Triangular, sistematizada pela educadora e pesquisadora Ana Mae Barbosa, na década de 1980, é uma das principais referências no ensino da arte”, ainda hoje.

Segundo BARBOSA (1998), essa proposta educacional e artística concebe a arte como expressão e como cultura, propondo uma aprendizagem dialógica, construtivista e multicultural. A autora, em seus vários estudos verificou o predomínio nas aulas de artes o ensino de temas banais, o *laissez-faire*, os desenhos geométricos e de observação, as folhas de colorir e as variações de técnicas; instruções que ainda são observadas nas escolas como mera distração para o corpo discente em suas variadas séries e ciclos educacionais.

BARBOSA (2019), eventualmente já denunciava em suas palestras nos anos 1970, o descaso com a arte educação no currículo das escolas públicas brasileiras:

Apreciação artística e história da arte não têm lugar na escola. As únicas imagens na sala de aula são as imagens ruins dos livros didáticos, as imagens das folhas de colorir e, no melhor dos casos, as imagens produzidas pelas próprias crianças. (BARBOSA, 2019, p.12).

Em sua jornada, Ana Mae teve que conviver com atritos e opiniões que simplesmente eram proferidas por puro desconhecimento, preconceito e despreparo sobre a teoria em que tentava explicar o óbvio: conhecer a arte presente e o seu passado, através de sua contextualização; fruir, produzir e fazer a leitura desta obra de arte.

3.1 Considerações sobre a Abordagem Triangular

A Abordagem Triangular não é um sistema educacional novo, e nem mesmo é totalmente reconhecida pelos milhares de professores, apreciadores ou fazedores de artes espalhados pelo país. como afirmado nas palavras das autoras:

O Ensino da Arte na escola orientado pela Abordagem Triangular pretende formar o conhecedor, o codificador da obra de arte e das imagens do cotidiano ou da cultura visual. Ou seja, este ensino promoverá uma reconhecimento, uma reinvenção dos sujeitos envolvidos e estes se ressocializarão e se humanizarão. (COSTA; BARBOSA, 2010, p.113)

Antes do estudo ganhar essa nova nomenclatura (Já recebeu os nomes de proposta e metodologia), a pesquisadora percebeu fortemente a pressão, e em muitos casos, seu nome envolvido em falácias maquiavélicas que muitas vezes, sua teoria recebeu. Em muitas ocasiões, recebia hostilidades gratuitas.

Sobre os fatos e ao se deparar com essa realidade no ensino de arte e como seu estudo metodológico foi, como em alguns casos tornados públicos em seus livros, tão mal interpretado e por muitas vezes, mal aplicado nos currículos escolares pelos próprios professores de arte que não estavam tão atualizados.

Segundo a autora, sobre a Abordagem Triangular, naquele momento:

Foram muitas as distorções da Abordagem Triangular, algumas mal-intencionadas com o propósito de destruir, apresentando-a como releitura e a releitura como cópia, outras por falta de conhecimento mesmo. (BARBOSA, 2010, p 10).

Para demonstrar que já estava acostumada demasiadamente com as críticas, Ana Mae fez questão de publicar na página seguinte ao sumário do seu livro “*A Imagem no Ensino da Arte*”, edição revista e atualizada em 2019, a frase do professor de música do Departamento de Artes Cênicas na Universidade de São Paulo, Fábio Cintra: (BARBOSA, 2019), “Isso de Metodologia Triangular não é nada novo, todo bom professor que eu tive ensinava assim.” Ana Mae em seu livro de 2010, intitulado “*Abordagem Triangular no ensino das artes visuais*” relata alguns embates e também muitas contribuições sobre a arte/educação no Brasil.

Em síntese, ela realiza uma organização de dissertações e teses escritas por alguns de seus ex-alunos, orientandos e professores admiradores sobre a Abordagem Triangular e suas impressões a respeito de como a sua tese foi inserida no ensino da arte durante todos esses anos. Destacamos que o livro foi escrito em conjunto com a pesquisadora, doutora Fernanda Pereira da Cunha.

Ana Mae Barbosa confessa ainda nesse livro, que deixou sua teoria em segundo plano devido aos inúmeros equívocos que ela provocou nos currículos e no pensamento dos professores que não a entenderam, ou nem mesmo tiveram sequer o trabalho de lê-lo. Barbosa (2010):

A Abordagem Triangular foi divulgada com o nome de Metodologia Triangular, através do livro *A Imagem no Ensino da Arte*. Posteriormente, publiquei um capítulo revisando-a no livro *Tópicos Utópicos*. As revisões da Metodologia Triangular foram conceituais, práticas e bastante incisivas, mudando-lhe até o nome para Abordagem Triangular. (BARBOSA, 2010, p. 9)

Entendemos assim, enquanto pesquisadores, como foi pertinente a iniciativa da professora Ana Mae e sua tese sobre como melhorar o ensino da arte no Brasil e desde que conhecemos sua

metodologia, percebemos que poderia pertencer frequentemente nos trabalhos e projetos dentro do universo educacional. Assim, como a tese sobre a Abordagem Triangular no ensino da arte, ao longo de sua história passou por algumas revisões, reestruturações e melhoras devido às críticas e contribuições que recebeu ao longo dos anos, acreditamos que ainda pode sofrer mais mudanças conceituais e experimentais, como todo bom projeto acadêmico.

A Abordagem Triangular ficou estagnada por um período próximo de dez anos. Segundo, Barbosa & Cunha:

Demorei a fazer a atualização do livro *A Imagem no Ensino da Arte* porque já havia desistido de me empenhar pela Abordagem Triangular. Foram muitas as distorções da Abordagem Triangular, algumas mal-intencionadas com o propósito de destruir, apresentando-a como releitura e releitura como cópia, outras por falta de conhecimento mesmo. O leitor pode ter ideia da enormidade dos enganos que continuam a ser cometidos em nome da Abordagem Triangular, principalmente por mestres em Cultura Visual. (BARBOSA; CUNHA. 2010. p. 9).

Antes mesmo da ideia de uma teoria educacional pronta, a educadora conseguiu construir uma metodologia que se encaixasse nos aspectos de liberdade e flexibilização para facilitar o trabalho de renovação de propostas/metodologias e conceitos contemporâneos que são inerentes ao ensino da arte. No entanto, ela já afirmou que metodologia quem faz é o professor e proposta é uma palavra já bastante desgastada pelas mil interpretações que lhe dão. A proposta foi divulgada em um livro que sequer, tratava mais veemente sobre o assunto.

Para Silva & Araújo (2010, p.165), a Abordagem Triangular debate “a aprendizagem dos conhecimentos artísticos a partir da inter-relação entre o fazer, o ler e o contextualizar arte”. É um processo em que vai além da apreciação da arte, mas que possibilita a sua compreensão. Diante do exposto, resumidamente entendemos que a disciplina artes é um instrumento fundamental de educação que ajuda a desenvolver seus conhecimentos e suas habilidades.

Ana Mae sempre se manteve firme na defesa do ensino das artes visuais. Entretanto, o momento decisivo, ou como gostamos de mencionar: a catarse, veio depois do histórico Festival de Cultura de 1983, em que Ana Mae Barbosa, segundo Bredariolli (2009, p.28) percebeu algo de inusitado e promissor para o universo da *arte educação*, ou como ela prefere chamar, por ser moderno: Ensino da Arte. Precisamente, nos referimos ao XIV Festival de Inverno de Campos do Jordão, município localizado no interior de São Paulo e esse evento sempre é mencionado pela educadora Ana Mae Barbosa como um divisor de águas e referência no parâmetro de mudança na forma de ensinar arte no país.

A educadora considera esse festival como o pioneiro nessa forma de vir e encarar o ensino da arte como coisa séria. Naquela época, e no meio da extensa programação cultural que sempre era direcionada exclusivamente aos concertos

e à formação de músicos de influência erudita, desde sua criação em 1970, mas por alguma inexplicável sensibilidade educacional, aquele ano diferentemente de outras edições, estava incluída uma enorme diversidade de manifestações artísticas populares nunca antes vistas naquele evento. (BREDARIOLLI, 2009, p. 28)

Havia também, e foi isso que não passou pela percepção aguçada da educadora Ana Mae Barbosa, um público diferenciado: grupo de bolsistas formados por professores de educação artística, e a grande maioria desses professores era da rede pública do estado de São Paulo e também, do município de Campos do Jordão, que ali faziam-se presentes para aquela que seria uma semana histórica para o ensino da arte e para o desenvolvimento da tese “barbosiana” de transformar o modo como o professor deveria ensinar arte na escola usando em sua metodologia uma maneira de contextualizar a arte e seus fazedores; uma maneira diferente de ler a obra de arte e por fim, uma maneira de proporcionar meios de se fazer arte dentro das paredes da sua sala de aula. Foi oferecido, dentro do cronograma do evento, para esse seleto grupo de professores bolsistas, uma extensa programação pedagógica composta por sete diferentes cursos teóricos sobre programação e apreciação televisiva à época, bem como desenvolvimento social, emocional e intelectual expressivo da criança, por abordagens de estudiosos como Erick Erickson, Sigmund Freud e Piaget. Bredariolli nos conta (2009, p.29) “Também, constava alguns cursos práticos que somavam em torno de vinte e dois. Entre os cursos oferecidos tinha expressão corporal, teatro, artes plásticas e leitura crítica de televisão e introdução ao videotape”

Em suas inúmeras falas em entrevistas na televisão e no rádio, Ana Mae cita as experiências artísticas que mais lhe deram suporte ao seu trabalho mais importante. Exercícios lhe propiciaram embasamentos para experimentações de conceitos de leitura que sabemos que oportunizam dados sensoriais, Ana Mae sentiu o desejo de configurar o *modus operandi* de se ensinar e fazer arte não só pelo fazer, mas pelo pleno exercício de ler a obra, conhecer a história da arte e onde ela está inserida na cronologia dos grandes pintores, escultores e como se daria esse ensinar a partir de então. Em seu artigo, Bredariolli apud Barbosa (2010) comenta sobre a importância que Barbosa sempre deu ao Festival de 1983 para a estruturação de sua teoria de ensinar arte na escola. Segundo a autora:

Durante os anos de 1980, Ana Mae cita esse festival como programa pioneiro, pois teria sido o primeiro a conectar análise da obra de arte/da imagem com história e com o trabalho prático. Sete anos mais tarde, ao fazer uma revisão da Abordagem Triangular em seu livro Tópicos Utópicos, A.M.B, mais uma vez, recorre ao Festival de Inverno de 1983, designando-o lugar das: “primeiras experimentações e das possibilidades de desenvolvimento, ao mesmo tempo, da capacidade de construção estética e da capacidade de percepção do meio

ambiente para a decodificação e apreciação da cultura e do ambiente natural (BREDARIOLLI *Apud* BARBOSA, 2010).

Há, quem defenda com bastante vigor as ideias da pesquisadora Ana Mae Barbosa e há aqueles que a criticam por achar sua tese sobre a triangulação do ensino da arte, coisa já existente e feita por alguém que não inovou nada ou simplesmente, - com aquele ar reducionista, - chama a teoria barbosiana de simples cópia ou cópia da releitura.

A ação efetiva e educativa do professor de Artes Visuais mediada pela Abordagem Triangular organiza o currículo entrelaçando o fazer artístico, a contextualização da arte/imagem e a leitura de forma que sejam respeitados tanto as necessidades, interesses e desenvolvimento do aluno como oferecendo ao próprio ensino outros valores de forma a contribuir para a cultura. (COSTA; BARBOSA, 2010, p. 134)

5 PROJETO HUMOR NA ESCOLA

A Lei de Diretrizes e Bases (LDB), Lei n. 9.394/96, assegurou o ensino das artes como disciplina obrigatória, no currículo da escola fundamental, destacando quatro linguagens: o teatro, dança, música e artes visuais, proporcionando o estudo de uma educação estética em diferentes linguagens artísticas. O fortalecimento da educação, por meio das artes, nos possibilitou pensar o desenho como ferramenta pedagógica, utilizando-o como recurso relevante na prática educativa.

Em seu livro *A imagem no ensino da arte*, publicado em 1991, Ana Mae Barbosa, expõe seus argumentos para defender uma revisão crítica do ensino da arte, convocando os professores de arte, artistas e intelectuais a:

[...] falar diretamente de ensino da arte e aprendizagem da arte sem eufemismos, ensino que tem de ser conceitualmente revisto na escola fundamental, nas universidades, nas escolas profissionalizantes, nos museus, nos centros culturais e ser previsto nos projetos de politécnicos que se anunciam (BARBOSA, 1991, p. 7).

5.1 Desenvolvimento do Projeto: Ano de 2020

O desenvolvimento do “Projeto Humor na Escola” deu-se como um processo de criação artística embrionado e executado dentro da sala de aula com estudantes de cursos técnicos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí, encontrando-se alinhado com a necessidade de resgate da tradição das produções do desenho de humor gráfico. A elaboração conceitual do projeto ocorreu antes do período de pandemia, com a previsão de execução em 2021. No entanto, fomos surpreendidos pela pandemia do Covid-19. Vale registrar que, a última vez em que ministramos aulas presenciais foi exatamente no dia 07 de março de 2020. A direção

da escola decidiu liberar todo o corpo letivo. Inúmeras foram as dificuldades dos nossos alunos. Entre essas dificuldades vividas, podemos destacar o enorme impacto de uma mudança na rotina escolar desses alunos, que saiu do modo presencial para o ensino remoto e isto quebra significativamente o ciclo das relações interpessoais e presenciais. Nesse hiato obrigatório no projeto, alguns participantes perderam entes queridos, vítimas do Covid-19. Isso abalou a turma de participantes envolvidos; além das evidentes dificuldades de logística e tecnológicas encontradas para este fim porque muitos não possuíam smartphones apropriados, nem tablets, muitos deles nem mesmo possuem computadores domésticos, nem sequer, redes de internet domésticas.

Etapas 1 - Delimitação do público-alvo:

No campus do IFPI, após escolhermos uma turma, procuramos desenvolver o projeto no curso de Ensino Médio Integrado ao Técnico em Administração. A apresentação da proposta pedagógica e do projeto foi feita em maio de 2020 e teve o apoio da Direção de Ensino do IFPI, dos pais e dos alunos participantes; vale ressaltar que alguns participantes confessaram nunca ter ouvido falar no assunto. As devidas autorizações para os participantes menores de idade foram feitas via formulário *Google Forms* e assinadas eletronicamente.

A turma era composta de 35 alunos participantes entre 25 meninas e 10 meninos; com faixa etária entre 15 a 17 anos, em sua maioria, nascidos no município de Pedro II. Para executarmos a tarefa, pensamos no objetivo geral, onde pretendemos analisar e registrar o processo de criação em arte/educação buscando compreender o processo de aquisição do conhecimento acerca das categorias de humor gráfico e o despertar da consciência artística crítica e independente dos alunos participantes. E quanto aos objetivos específicos, pretendemos (1) Contextualizar as categorias de desenho de humor gráfico. (2) Investigar sobre as principais dificuldades teóricas e práticas, além de breve inclusão da Abordagem Triangular na escola; (3) Observar como se deu o processo de ensino/aprendizagem na pesquisa *in loco* após a realização das produções artísticas dos alunos com o desenho de humor.

O trabalho se estruturou nas práticas dos cartuns, das charge e das caricaturas em sala de aula, em três dimensões da Abordagem Triangular: Contextualização (história do cartum, da charge e caricatura em seu contexto social com os alunos); O fazer artístico (oficina de produção de desenho de humor com técnicas de desenho artístico, foi quando tivemos momentos de troca entre os participantes para melhor fruição do trabalho de cada colega e analisarmos como

estávamos interagindo, além da realização de exposição dos trabalhos no final da pesquisa). Entre idas e voltas, causadas pela realidade que nos foi imposta devido ao período pandêmico, seguimos adiante para a continuação das atividades propostas pertencentes ao projeto.

5.2 Desenvolvimento do Projeto em 2021

Etapa 2 – Execução

Reunião realizada via plataforma google meet com os alunos participantes, em meados de junho de 2021 para início e execução do projeto, questionamos se os alunos participantes conheciam a linguagem do humor gráfico e relatamos as principais características, além de exibirmos vídeo relacionado às categorias localizado no link: <https://youtu.be/jsqVuGd0G4c>.

1. Dando continuidade à etapa, perguntamos então, quantos participantes sabiam desenhar: procuramos identificar domínio técnico para desenho artístico, mesmo que em diferentes graus de qualidade do tracejado.

Resposta: apenas 7 responderam que sim e duas alunas foram apontadas pelos colegas. Elas estavam tímidas e se mantiveram caladas. Não sabemos ao certo se realmente sabem desenhar e por esse motivo, durante essa atividade, percebemos que poderíamos ter explorado melhores possibilidades no projeto ao serem apresentados exemplares de desenhos com diferentes estilos, possibilitando a percepção de que não existe uma única técnica de desenho.

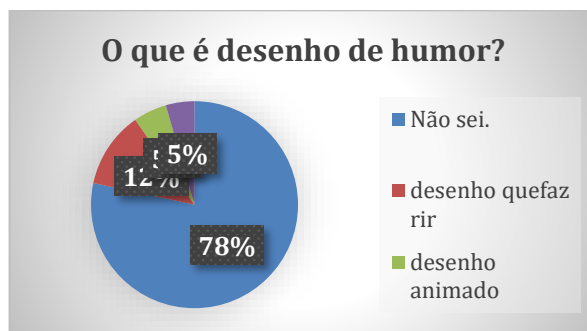
2. Perguntamos também se conheciam os salões de humor.

Resposta: Nenhum aluno de fato, conhecia. Foi esclarecedor e frustrante ao mesmo tempo. Encerramos as perguntas desta etapa. No dia 15/08/2021, fizemos mais um encontro online, já com as aulas em modo remoto, usando a plataforma Google Meet. Esse encontro foi importante para sondagem daqueles alunos mais familiarizados com o desenho artístico, mas não ainda com o desenho de humor e no caso dos que não dominam o fazer desenho (segundo nossa avaliação após sondagem) com os mesmos. Propusemos técnicas básicas de desenho artístico para melhor acompanhamento do trabalho.

Em 11/12/2021, em nova etapa retomamos os encontros com alunos participantes e aplicamos questionários sobre a conceituação do desenho de humor.

1. Perguntou-se: Para você, o que é desenho de humor?

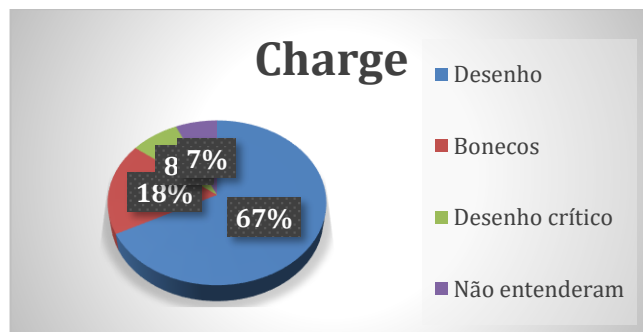
Gráfico 1 – Pergunta feita para os 35 alunos participantes.



Fonte: Respostas dadas pelos participantes, 2021.

Dos 35 alunos envolvidos, 78% não sabiam do que se tratava o assunto na turma de Administração. 12% falaram em desenho que faz rir. 5% em desenho animado e 5% em cartum. A mesma pergunta foi direcionada a respeito da charge e da caricatura. Do mesmo modo, fizemos prévia explanação do que significava cada categoria; também foi reafirmada mais uma vez nessa terceira pergunta, a importância da identificação das imagens para melhor compreensão do desenho de humor gráfico.

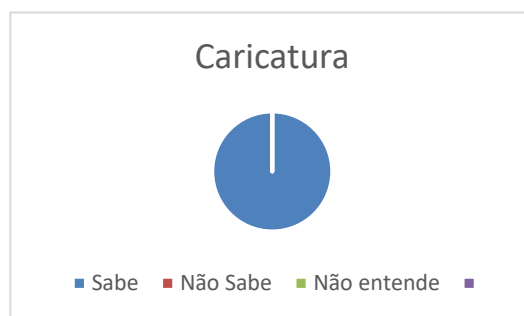
Gráfico 2 – O que é charge?



Fonte: Respostas dadas pelos participantes, 2021.

Os resultados ainda pareciam inconclusivos, mas vimos evolução. Apenas 7% não entenderam. 67% codificaram em desenho; 18% bonecos e 8%, desenho crítico, (que fazia a crítica). Em relação à caricatura, obtivemos 100% no resultado do entendimento dos alunos participantes sobre o significado da categoria apresentada.

Gráfico 3 – O que é caricatura?



Fonte: Respostas dadas pelos participantes, 2021.

Observamos sobre a porcentagem unânime das caricaturas e o relato de um dos alunos participantes, que preferimos não identificar. Segundo sua avaliação sobre a caricatura: “ Só um burro não entende aquele desenho!”

Na data 18/12/2021, nos reunimos mais uma vez via Google Meet, eu e os participantes da turma de 1º ano de Administração do IFPI para continuidade da pesquisa qualitativa exploratória. Nessa oportunidade de encontro virtual, apenas 18 dos 35 participantes compareceram. Percebemos que o entusiasmo inicial arrefeceu ou perdeu para o período natalino e achamos que precisávamos, devido ao caráter subjetivo de uma pesquisa qualitativa, realizar um trabalho de campo. O campo é o momento em que o pesquisador se insere no local onde ocorre o fenômeno social e era imprescindível que nossos encontros presenciais acontecessem o mais breve possível.

5.3 Desenvolvimento do Projeto em 2022

Etapa 1. O projeto teve um intervalo relativamente cumprido causado por aumentos dos óbitos na cidade de Pedro II. Apenas em meados de junho de 2022, após intensa campanha de vacinação contra o Covid-19 no Piauí, retornamos às aulas presenciais e demos continuidade às oficinas de desenho de humor no IFPI.

Etapa 2. novembro de 2022: anteriormente, propus que os participantes estudassem a respeito das três categorias de desenho de humor, buscando exemplos na internet para que retornassem com melhor repertório visual.

Ao retornarmos para a execução das oficinas de desenho, contextualizamos os desenhos, o momento histórico em que estávamos e colocamos em prática o fazer. As oficinas começaram com prática de cartuns e charges. Curiosamente, os participantes não mencionaram as caricaturas que tanto observaram no questionário feito há quase um ano antes. Provoquei a turma sugerindo que não escolhessem entre fazer charges ou cartuns e nem mesmo uma temática pré-definida. Para fins de anotação, decidimos que os participantes não teriam escolha

do tema e seguiriam desenhando “às cegas”. A reação foi imediata e eles sugeriram, em contraponto, criar charges sobre a pandemia do Corona vírus, pois, segundo relataram, “era a coisa mais mortal que já viram” Isso é contextualizar o fazer e codificar sentido na arte.

A temática para explorar e desenhar, portanto, escolhida e executada pelos alunos participantes, da pesquisa com desenho de humor utilizando a Abordagem Triangular foi sobre o vírus da Covid-19. Avaliamos que o processo criativo da pesquisa no projeto foi dividido em etapas descrevendo a operacionalização das ações e passou pelas fases de elaboração, execução, avaliação e análise crítica. O estudo mostrou que os resultados obtidos por meio de questionários direcionados e aplicados com os alunos participantes e observação de como as atividades práticas realizadas durante o projeto despertaram a curiosidade acerca da linguagem de humor gráfico que poderá ser direcionada ao seu dia-a-dia, sendo perceptível o despertar da consciência crítica artística e independente.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto aqui desenvolvido com os alunos do IFPI durante o difícil período pandêmico, buscou resultados referentes ao aprendizado da conceituação do desenho de humor gráfico e a consequente execução do seu traço cômico e crítico.

Os alunos participantes buscaram entender e questionar situações relacionadas com a Abordagem Triangular com a linguagem do desenho de humor gráfico e sua aplicação através da decodificação do fazer, do criar, do contextualizar e apreciar a arte de agora em diante. Ao final das etapas que foram realizadas alternadamente, fizemos oficina de desenho de humor e fizemos exposição nas dependências do Instituto Federal do Piauí - Campus Pedro II, aberta ao público, servindo também de instrumento de extensão; com os desenhos mostrando não apenas o produto final que foram os exemplares de artes visuais como base, no desenho de humor, mas também na Abordagem Triangular que se configurou como um norte para o protagonismo do projeto. Sobre protagonismo e importância da arte.

A maior cobrança em relação ao modo da apresentação no desenho de humor gráfico, se resume basicamente ao seu conteúdo e não em sua forma de exibição. Essa característica inerente ao desenho de humor gráfico, é certamente diferente e muito mais simplificada do que aquilo que entendemos quando comparamos regras e cobranças estéticas ou simétricas no desenho ou na pintura acadêmica.

Para uma reprodução de desenhos mais fiel e para uma construção atualizada das imagens da sociedade dentro do cotidiano, o cartunista deve ser como um leitor voraz das notícias que chegam até ele, de todas as plataformas e em velocidade cada vez mais intensa. O artista do desenho gráfico deve estar sempre em alerta para perceber os pequenos detalhes por trás da rotina das pequenas cidades e muito mais ainda, dos grandes acontecimentos no mundo globalizado. A leitura, a contextualização e a produção efetiva de obras de arte, interessaria muito aos jovens se lhes fossem oferecidas maiores possibilidades de conhecer o universo do traço humorístico e com isso proporcionar dimensões multidisciplinares acerca do desenho de humor onde são expostas suas diversas categorias que no atual cenário político brasileiro, percebemos um país cada vez mais dividido e cada vez mais consciente das disputas de ideias e matizes políticas, é, de certa maneira bastante promissor para o surgimento de novos artistas e na realização de exposições sobre desenhos de humor das mais variadas temáticas.

Trabalhar a possibilidade de realizar salões de humor com alunos das escolas do Ensino Médio configura-se uma oportunidade bem gratificante para o professor e seus alunos utilizando-se para isso, seu eventual projeto de extensão ligado aos desenhos que serão expostos, explicados e admirados durante a mostra de desenhos.

A presente pesquisa educacional propõe provocar discussões e contribuir com a comunidade escolar através dos resultados que esta proposta de estudo busca obter, a implementação de propostas de projetos que somatizem os desenhos artísticos, os desenhos de humor e a metodologia aplicada da Abordagem Triangular. Professores, alunos, gestores, e a comunidade são convidados através desta pesquisa, a pensar, aprofundar e atualizar conhecimentos relacionados as questões sobre a Arte, em especial aos desenhos, como matriz propulsora de cultura, conhecimentos e tecnologias de inclusão social.

Assim, os motivos pelos quais adotamos, enquanto docente do IFPI, uma proposta de pesquisa com enfoque no ensino, aprendizagem e mediação em artes, contidos no projeto apresentado e em seus resultados, pertencem aos processos da criação artística desenvolvida e realizada em nossa sala de aula. Para isso, nos utilizamos da proposta acadêmica intitulada Abordagem Triangular, e desenvolvemos junto a uma turma de 1º ano do Ensino Médio integrado ao curso técnico de administração do IFPI - Instituto Federal de Educação do Piauí, no município de Pedro II, experiências visuais significativas a partir do estímulo à imaginação, à fruição, no estudo contextual e na produção do desenho de humor gráfico.

REFERÊNCIAS

- AURÉLIO, B. **Esse cara, o Albert Piauí**. Teresina: Artigos, 2008. Disponível em <http://bernardohq.blogspot.com.br/2008/12/esse-cara-o-albert-piau.html>. Acesso em: 22 ago. 2021.
- ALVES, Dino. **30 anos de uma piada**. Teresina: Artigos, 2012. Disponível em <http://dinoalves.wordpress.com/2012/06/28/30-anos-de-uma-piada/>. Acesso em: 07 ago. 2022.
- BARBOSA, A. M. **A Imagem no Ensino da Arte**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- BARBOSA, A. M.; CUNHA, F. P. (org.) **Abordagem Triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010.
- BARBOSA, A. M. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.
- BARBOSA, A. M. **John Dewey e o ensino da arte no Brasil**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2015.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB**. 9394 de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/19394.htm. Acesso em: 20 ago. 2023.
- BREDARIOLLI, R. **Festival de inverno de Campos do Jordão 2009**, 141f. Centro de Referência em Educação Integral. Disponível em: <<https://educacaointegral.org.br/reportagens/ana-mae-barbosa-e-educacao-por-meio-da-arte>>. Acesso em: 23 jan. 2022.
- CUNHA, F. P.; COSTA, F. J. R. da (Org.). **Das utopias à realidade: é possível uma didática específica para a formação inicial do Professor de artes visuais?**. São Paulo: Cortez, 2010.
- COLI, Jorge. **O que é Arte?** 15 ed. São Paulo. Brasiliense. 2013
- FERRAZ, M. H. C. T.; FUZARI, M. F. R. **Metodologia do Ensino da Arte**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2019.
- LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 8. ed. 2017.
- LIMA, R. A. **Texto, Imagem e Letramento Visual**. Teresina: EDUFPI, 2019.
- LUYTEN, S. M. **Histórias em Quadrinhos**. São Paulo: Paulinas, 2002.
- MIANI, R.A. **Charge: uma prática discursiva e ideológica**. Congresso de Comunicação, Campo Grande, 2011.
- PINTO, Z. A. **Festival Internacional HQ Mix**. 2002.

RIANI, C. **Tá rindo de quê?**: Um mergulho nos salões de humor de Piracicaba. Piracicaba: UNIMEP, 2002.

SALÃO DE HUMOR DE PIRACICABA. <https://salaointernacionaldehumor.com.br>

ANEXOS

APÊNDICES A – IMAGENS DAS ETAPAS E DOS SEUS RESULTADOS 2021

Apêndice 1A - Sondagem presencial com os alunos antes da pandemia. Coleta de assinaturas em lista de alunos participantes da pesquisa.

Apêndice 1A – Lista dos participantes no IFPI.

Filtros Utilizados para Gerar este Relatório:

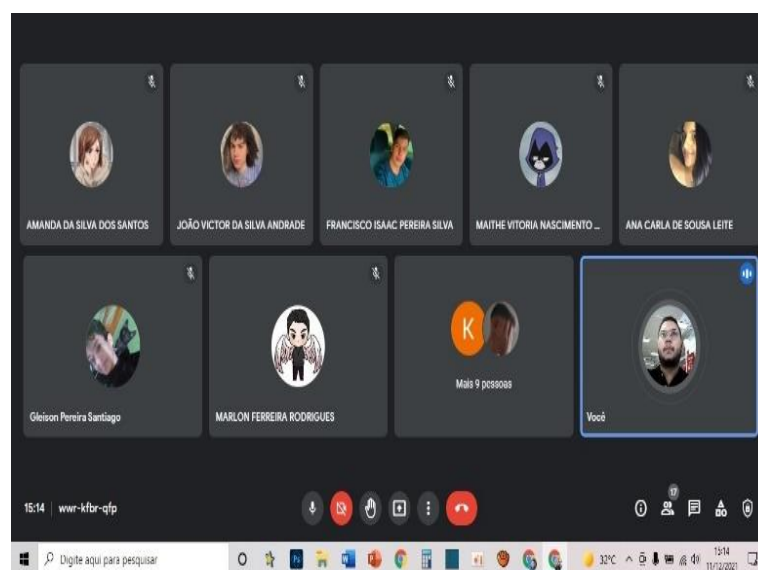
Instituição: IFPI - Campus Pedro II
Turma: 2021.2 ADIM/JM
Sé. Matrícula: Matrícula
Curso: Técnico Integrado ao Médio em Administração - Pedro II
Ano letivo: 2022
Período letivo: 1
Critério de agrupamento: Instituição
Tipo de relatório: Listagem com Assinatura

#	Matrícula	Aluno	Assinatura
1	20211P2TAD0227	AMANDA MARIA MAGALHÃES NEVES	Amanda Magalhães Neves
2	20211P2TAD0120	ANA BEATRIZ ALVES PEREIRA	Ana Beatriz Alves Pereira
3	20211P2TAD0024	ANA MARIA XAVIER UCHOA	Ana Maria Xavier Uchoa
4	20211P2TAD0020	ANA MILENE NERES DA SILVA	Ana Milene Neres da Silva
5	20211P2TAD0043	ANA VITÓRIA LIMA DE CASTRO	Ana Vitória Lima de Castro
6	20211P2TAD0069	BIANCA MEMÓRIA NOGUEIRA	Bianca Memória Nogueira
7	20211P2TAD0049	BRENA LUISA MARQUES OLIVEIRA	Brena Luisa Marques Oliveira
8	20211P2TAD0408	BRUNA VITÓRIA PEREIRA DE CASTRO	Bruna Vitória Pereira de Castro
9	20211P2TAD0005	CAROLINA BORGES DOS SANTOS	Carolina Borges dos Santos
10	20211P2TAD0094	DAVI PERISSON DE CASTRO ALVES	Davi Perisson de Castro Alves
11	20211P2TAD0097	DAVI RODRIGUES DA SILVA	Davi Rodrigues da Silva
12	20211P2TAD0162	DÉBORA ELLEN LOPES BEZERRA	Débora Ellen Lopes Bezerra
13	20211P2TAD0189	ELLEN MARIA ANDRADE SILVA	Ellen Maria Andrade Silva
14	20211P2TAD0170	ERISSON DA SILVA PERES	Erison da Silva Peres
15	20211P2TAD0030	FABIANA DA SILVA OLIVEIRA	Fabiana da Silva Oliveira
16	20211P2TAD0111	FRANCISCO KAIC DA SILVA PEREIRA	Francisco Kaic da Silva Pereira
17	20211P2TAD0061	GABRIELE MEDEIROS UCHOA	Gabrielle Medeiros Uchoa
18	20161P2TAD0113	GILVANE DE ALMEIDA OLIVEIRA	Gilvane de Almeida Oliveira
19	20161P2TAD0085	JARA DE OLIVEIRA PAULO	Jara de Oliveira Paulo
20	20211P2TAD0051	JOSÉ LUCAS DE ANDRADE COSTA	José Lucas de Andrade Costa
21	20211P2TAD0086	KARINI MESQUITA TEIXEIRA	Karini Mesquita Teixeira
22	20211P2TAD0193	LAYLA GOMES OLIVEIRA	Layla Gomes Oliveira
23	20211P2TAD0197	LIANA ESTEFANE FREIRE OLIVEIRA	Liana Estefane Freire Oliveira
24	20211P2TAD0173	MARCELO HENRIQUE BARROSO SANTOS	Marcelo Henrique Barroso Santos
25	20211P2TAD0039	MARIA CINTIA DE SOUSA OLIVEIRA	Maria Cintia de Sousa Oliveira
26	20211P2TAD0278	MARIA CLARA DA SILVA DE OLIVEIRA	Maria Clara da Silva de Oliveira
27	20211P2TAD0211	MARIA KAUANA OLIVEIRA DOS SANTOS	Maria Kauana Oliveira dos Santos
28	20211P2TAD0154	RAEENNA RAEY GONÇALVES DA SILVA	Raeenna RaeY Gonçalves da Silva
29	20211P2TAD0154	RONALDO BORGES FERREIRA	Ronaldo Borges Ferreira
30	20211P2TAD0014	SAMIRE VITÓRIA DE SOUSA ALVES	Samire Vitória de Sousa Alves
31	20201P2TAD0092	SAMYA RAQUEL OLIVEIRA MOREIRA	Samyra Raquel Oliveira Moreira
32	20201P2TAD0149	THIAGO CARDOSO DO NASCIMENTO	Thiago Cardoso do Nascimento
33	20201P2TAD0114	WELLINGTON WALLAS DA SILVA SOUSA	Wellington Wallas da Silva Sousa
34	20211P2TAD0251	YASMIN RODRIGUES CARVALHO DA SILVA	Yasmin Rodrigues Carvalho da Silva
35	20211P2TAD0148	YASMIN MACEDO COSTA	Yasmin Macedo Costa

Página 1

Fonte: IFPI. 2021.

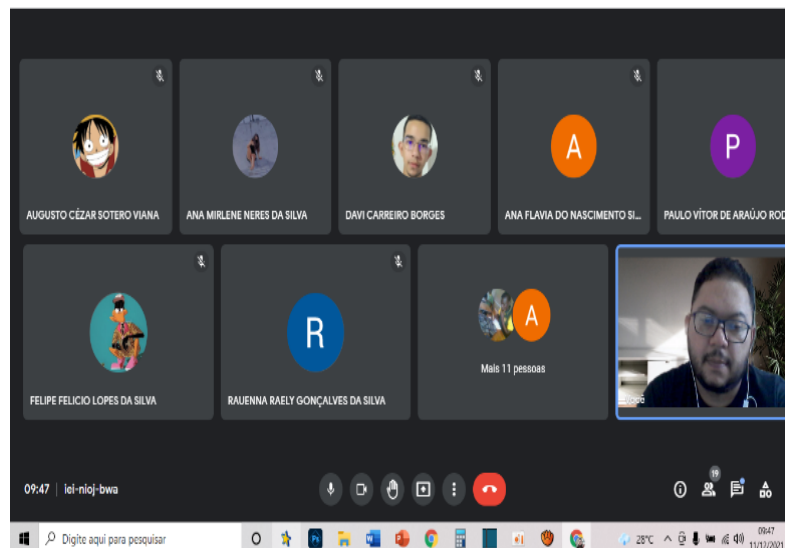
Apêndice 2A - Reunião para execução.



Fonte: Google Meet. 2021.

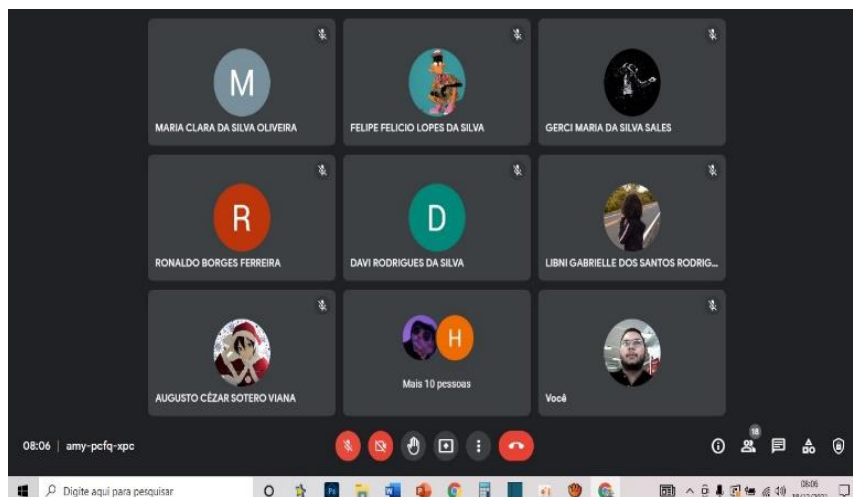
Apêndice 3A - Etapa com encontros na plataforma Google Meet.
propusemos técnicas básicas de desenho artístico para melhor acompanhamento do trabalho sobre desenhos de humor gráfico.

Figura 3



Fonte: Google Meet – 2021.

Apêndice 4A - Na data 11/12/2021, nos reunimos mais uma vez via Google Meet, eu e os participantes da turma de 1º ano de Administração do IFPI.



Fonte: Google Meet – 2021.

APÊNDICE B - OFICINA DE DESENHO DE HUMOR

Apêndice 1B – Aluna com o seu Cartum



Aluna participante Débora Ellen e seu cartum. Debora pretendia elaborar um desenho com temática religiosa e brincar com o som do sino utilizando-se de Onomatopeia³. Entretanto, ela admite que errou e no lugar de colocar “dim” “dom” colocou “Doiimm” “Dim”

Apêndice 2B



Arquivo acervo pessoal. 2022

Oficina de desenho de Humor - Retornamos às aulas presenciais e demos continuidade às oficinas de desenho de humor no IFPI com os alunos participantes do projeto de pesquisa.

Apêndice 3B

³Onomatopeia ou mimologia, é uma figura de linguagem na qual se reproduz um som por meio de fonemas. A forma adjetiva é onomatopeico ou onomatopaico. Ruídos, gritos, sons de animais, sons da natureza, barulho de máquinas, o timbre da voz humana faz parte do universo das onomatopeias.



Arquivo pessoal. 2022

As oficinas começaram com prática de cartuns e charges. Curiosamente, os participantes não mencionaram as caricaturas que tanto observaram no questionário feito há quase um ano antes. Diversão e aprendizado para o corpo discente.

Apêndice 4B



Arquivo pessoal. 2022

Os alunos participantes fizeram questionamentos e contribuições para uma melhor condução da oficina, melhorando a interação entre os colegas e o professor pesquisador na obtenção dos resultados.

Apêndice 5B



Arquivo pessoal. 2022

APÊNDICE C. “SALÃO DE HUMOR DO IFPI”

Exposição de cartuns e charges sendo prestigiada pelos professores e comunidade externa O que mais predominou na exposição e nas oficinas, foi o tema da pandemia do covid-19.

Apêndice 1C



Arquivo acervo pessoal. 2022

As visitas eram constantes, mas ainda em menor número do que o esperado.

Apêndice 2C



Trabalhos expostos resultantes das oficinas de desenho de humor

Apêndice 3C



Trabalhos expostos resultantes das oficinas de desenho de humor

Apêndice 3C

